

ABORRESCÊNCIAS, CRISES E #LIKES: AS FACES DA LITERATURA JUVENIL BRASILEIRA NA CONTEMPORANEIDADE DIGITAL

*ADOLESCNUISANCE, CRISES AND #LIKES:
THE FACES OF BRAZILLIAN YOUTH LITERATURE
ON DIGITAL CONTEMPORANEITY*

Jennifer da Silva Gramiani CELESTE¹

Rogério de Souza Sérgio FERREIRA²

Resumo: Este artigo sugere a discussão acerca das interfaces dialógicas entre Literatura Juvenil e Internet, preconizando como cenário o contexto da contemporaneidade, demarcada pela presença das novas tecnologias digitais e, acima de tudo, da Internet enquanto veículo que possibilitou aos jovens internautas, agora também aspirantes a escritores, transfigurar não apenas a Literatura Juvenil produzida em solo nacional; sobretudo, a dinâmica inerente ao mercado editorial, cativo às práticas de escrita literária ocorridas em plataformas virtuais de autopublicação, como *Wattpad*, ou a manufatura de conteúdos digitais cogitados para *blogs*, canais do *YouTube* e outras redes sociais do gênero. Diante disso, o debate sobre a adolescência nativa digital, o espaço de fala de alguns poucos jovens, bem como os retratos de uma produção literária culturalmente saturada (MOSEER, 1999), será embasado nos contributos teóricos de Contardo Calligaris (2000), Marc Prensky (2001), Stuart Hall (2006), Gayatri Spivak (2010), entre outros. Isto, pois, irá nos auxiliar de modo que nos tornemos capazes de (re)significar a Literatura Juvenil Brasileira em meio às crises que enfrenta em busca por identidade(s) nos tempos contemporâneos de *#likes*.

Palavras-chave: Literatura juvenil. Internet. Jovens nativos digitais. Contemporaneidade.

Abstract: This article suggests the discussion about the dialogical interfaces between Youth Literature and the Internet, recommending as a scenario the contemporary context, marked by the presence of new digital technologies, and above all, the Internet as a vehicle that enabled young Internet users, now also aspiring to writers, to transfigure not only Youth Literature produced on national soil; above all, the dynamics inherent in the publishing market, captive to literary writing practices that take place on self-publishing virtual platforms such as *Wattpad*, or the manufacture of cogitated digital content for *blogs*, *YouTube* channels and other social networks of its kind. Given this, the debate about digital native adolescence, the space of speech of a few young people, as well as the portraits of a culturally saturated literary production (MOSEER, 1999), will be based on the theoretical contributions of Contardo Calligaris (2000), Marc Prensky (2001), Stuart Hall (2006), Gayatri Spivak (2010), among others. This, then, will help us so that we become able to (re)mean Brazilian Youth Literature in the midst of the crises it faces in search of identity(s) in contemporary *#likes* times.

Keywords: Youth literature. Internet. Young digital natives. Contemporaneity.

¹ Doutoranda em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Introdução

A vida literária segue apesar da crise nas livrarias (2018), reportagem produzida pelos jornalistas Maria Fernanda Rodrigues e Guilherme Sobota para o Jornal *Estadão*, nos atesta a relevância no que tange à mudança de rumos, muito mais do que necessária, de fato imprescindível, à dinâmica há tempos adotada pelo mercado editorial e literário de origem brasileira. A julgar a queda de uma das livrarias físicas de maior prestígio em solo nacional – Livraria Cultura – e o derradeiro declínio de outras tantas, quase prestes a cerrar suas portas – Livraria Saraiva –, não apenas a estrutura comercial vinculada a essa vertente cultural é afligida, mas tal como pressupomos, a Literatura enquanto bojo das manifestações artísticas e dos reflexos de uma sociedade ainda hoje incerta quanto aos futuros passos a serem dados no promissor ramo dedicado à adolescência.

Este horizonte, demarcado para além das perdas de alguns estabelecimentos de natureza comercial, também de importantes personalidades tradicionalmente arraigadas à Literatura Juvenil, entre estas, Lya Wyler, tradutora de *Harry Potter* (Rocco, 2000), saga britânica da autoria de J. K. Rowling (RODRIGUES; SOBOTA, 2018), abarca, para o desespero de muitos ou desapego de alguns poucos, uma crise que permeia toda a identidade atrelada à Literatura Brasileira, em constante busca de um lugar ao sol e de novos e cativos públicos leitores.

O presente artigo objetiva, diante das perspectivas depositadas à Literatura nacional inerente à contemporaneidade, propor uma breve reflexão no que tange à produção literária voltada aos leitores adolescentes, considerando, para tanto, as influências que as tecnologias digitais, o ciberespaço e a cibercultura, delegaram à manufatura escrita atualmente recepcionada, preconizando seu impacto junto à Literatura Juvenil. Esses passos nos serão úteis a fim de que possamos nos tornar capazes de desvelar o espaço de fala e crítica concedido aos jovens nascidos e imersos na era digital e, como consequência, as transfigurações que a Literatura experienciam.

Uma Literatura de muitas faces (e de muitas crises)

Qual é a face da Literatura Juvenil Brasileira, concebida e criticada não apenas sob a tenda dos intocáveis cânones, mas sobretudo sob os *likes* e *shares* atinentes ao ciberespaço? Nas duas últimas décadas, o fenômeno acerca da produção literária impressa responsabilizara-se por enfraquecer os sustentáculos da famigerada previsão apocalíptica quanto ao fenecimento da

Literatura e de seus autores e leitores – aquela mesma que os incrédulos rogaram ocorrer após a disseminação das tecnologias digitais em um mundo até então predominantemente analógico.

Decerto, o jovem brasileiro é aquele que hoje está à frente da renovação de um nicho literário especificamente a ele dedicado. Referimos-nos desse modo a tal dinâmica, pois outrora a Literatura Juvenil produzida em solo nacional também detivera seus momentos de louvor, ainda que liderada por experientes adultos de meia idade. Nomes como Liliane Prata, Thalita Rebouças e Sérgio Klein, a fim de citarmos alguns, encabeçavam as listas de livros impressos mais vendidos em meados dos anos 2000. Seus enredos melodramáticos e suas personagens caricatas constituíram o delineamento em relação àquilo que os indivíduos adultos projetavam sobre a adolescência, tal como o imaginário cultural a ela subjacente lhes permitia eximamente representar. Para além de um simples delinear, a manufatura literária destinada à jovem parcela populacional consistia-se algo próximo a um esboço pré-definido no que se refere aos estados de ser e estar, os quais obrigatoriamente deveriam ser colocados em ação por aquele sujeito.

Todavia, o arquétipo social cujo engendramento é possível atribuímos a outras questões, mas especialmente a essas manifestações literárias, experienciou ruptura. Afinal, o adolescente aborrescente, incansável protagonista das histórias de amizades e rompimentos amorosos, deparara-se enfim com novo e distinto dilema vital: a Internet e um mundo a ser apreciado para além das soleiras de suas residências ou dos muros de suas escolas, debruçados sobre os parapeitos pertencentes às janelas que se abriam à ímpar atmosfera de possibilidades da nova era.

Os adolescentes se transfiguraram. Sujeitando-se às inusitadas experiências que somente o advento dos computadores e da grande rede poderiam ter-lhes ofertado, a adolescência a qual outrora Contardo Calligaris, em *A adolescência* (2000), concebeu como moratória alegadamente interminável, no contexto tecnológico contemporâneo corresponde a muito mais que o resultado de um processo formativo sociocultural; é *sociocibercultural* – neologismo de nossa autoria: sua constituição perpassa pelos fios da fibra óptica que interconectam os dispositivos eletrônicos, paralelamente aos estirões e às oscilações vocais; transita entre as comunidades *online* e *networks*, bem como atua com veemência em suas próprias tribos, nas ruas ou nos *shoppings centers*; e aprendem ou ensinam nos fóruns de discussão, com auxílio dos aplicativos digitais, mas também nas escolas, cujos preceitos didáticos e metodológicos ainda se alicerçam no século passado.

Essas mudanças foram propiciadas pelo processo de globalização, conforme nos elucidou Stuart Hall na obra teórica *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006). Não apenas devemos as vincular à idealização das máquinas ou a conexão destas a uma inter-rede, mas talvez às proezas as quais fora capaz de promover. Aliás, a globalização se vincula às prerrogativas digitais a partir da pretensão quanto à diluição de fronteiras e ao rompimento de barreiras invisíveis, mas desde

sempre presentes entre as nações. Acolhidos por essa significação, a *World Wide Web*, decerto, continua a atuar como primordial responsável por aquilo que Hall (2006, p. 67) entendeu como uma espécie de dinâmica da integração mundial, claramente decorrente do desaparecimento de limites outrora continentalmente delimitados, com vistas ao total confinamento.

De acordo com Hall (2006), concomitante à progressiva dissolução dos limiares culturais, acompanhamos a rescisão das identidades atreladas a este ou àquele povo. Trazendo a proposição para nosso terreno de debate, para além de aspecto macrossocial, é possível compreendermos que esse acontecimento tange a específicas parcelas populacionais inerentes a uma nação, fato que ao término do processo irá se projetar no todo maior que a abarca. De qualquer modo, sugerimos imergir na dinâmica dessa temporalidade digital nos pautando no sujeito enquanto limbo vital; aquele que distancia a infância da etapa adulta: eis nosso personagem, o adolescente.

Sob uma condição de equilibrista, o adolescente de nossa atualidade, então, se depara. Caminhando sobre a tênue linha que segrega facetas remotas e improváveis, analógicas e digitais, é que a adolescência hoje prevaiente consiste como tal. O jovem nativo digital, denominado assim pelo precursor Marc Prensky no artigo *Digital natives, digital immigrants* (2001a), se refere ao sujeito que indubitavelmente protagoniza essa contemporaneidade. Mal saem dos ventres das mães, são apresentados a um universo tão imponente – ainda hoje temido por muitos –, quanto sua primordial instituição social, a família. Se tudo é novo para a criança nesse pequeno grande âmbito relacional, as telas dos dispositivos responsabilizam-se por ampliar ainda mais essa experiência. Ousados, zapeiam os canais televisivos, navegam no ciberespaço, se divertem com os *games*, tal como se não houvesse limites. Ao alcance de seus pequeninos e promissores dedos, as crianças nascidas nessa atmosfera digital, não tarde, tornam-se adolescentes aborrescentes, inevitavelmente condicionados a mais um estereótipo sociocultural: #conectados.

Algumas questões devem ser consideradas na discussão a qual nos propomos a realizar. Afinal, seriam os adolescentes dessa geração similares àqueles relatados por Prensky (2001a)? Inelutavelmente, é preciso que depositemos olhares cautelosos em relação ao público analisado por esse autor³. O teórico, inclusive, sugere o movimento de rememoração às prerrogativas lançadas em seu primeiro ensaio ao produzir sua sequência, cujo subtítulo⁴ nos apresenta a uma indagação capaz de evidenciar fidedigna preocupação tocante aos riscos de uma homogeneização equivocada em relação ao montante de jovens nascidos na era digital. Prensky (2001b, p. 3), fundamentando-se no aprofundamento de estudos conduzidos por psicólogos sociais, enfim,

³ Os dados dos estudos desenvolvidos por Marc Prensky têm como base a população norte-americana.

⁴ Aqui nos referimos à continuação de seu seminal artigo, intitulado *Digital natives, digital immigrants, part II: do they really think different?* (2001b), cujo subtítulo pode ser traduzido como “eles realmente pensam diferente?”.

reconhece que “[...] o ambiente e a cultura na qual as pessoas são criadas, afeta e até mesmo determina vários de seus processos de pensamento [...]”⁵, estabelecendo, assim, sua posição.

Contextualmente, considerando o cenário nacional sob uma perspectiva política e econômica, se comparado àquele vivenciado por estrangeiros – o que nos acarreta a pensar em desigual distribuição de recursos e o vislumbre de uma realidade distinta –, negligenciar a existência de adolescentes que não possuem boas condições de acesso à grande rede e nem ao menos aos aparatos necessários a esta ação, certamente não se refere à melhor opção. Além disso, é preciso, ainda, elevarmos a problemática a outras instâncias: estariam todos os jovens realmente interessados em se tornarem surfistas ciberespaciais ou adequadamente competentes para o efetivo deleite do mar de infinitas viabilidades tecnológicas? Obviamente, não pretendemos responder a estas indagações. No entanto, conhecer as circunstâncias que nos faz realizá-las atribui às nossas pretensas teorizações um caráter melhor desprovido dos arroubos românticos comumente fomentados por tecnoentusiastas, sedentos por algum desprevenido adepto.

Ora, se até mesmo Prensky (2001a) admitiu a influência de fatores externos no que se refere ao desenvolvimento das habilidades cognitivas, torna-se demasiado complexo logarmos sustentar a noção de unificação a qual a cultura nacional se esforça em preconizar, segundo Hall (2006, p. 59), a fim de reunir os membros de uma nação em um mesmo contingente, fadando ao esquecimento suas diferenças de classe ou etnia – em nossa seara de discussão, distinções de acesso, consumo ou Letramentos Digitais. Portanto, faz-se imprescindível corroborarmos ao anseio desse autor, aparentemente atormentado por dúvidas que perpassam à grandiosidade geralmente atribuída à nação: seria a identidade nacional possuidora de tamanha força capaz de anular e subordinar uma identidade de natureza cultural? Mais adiante, Hall (2006, p. 61) nos esclarece: a cultura atrelada a uma específica nação deve ser concebida, ao invés de um dispositivo unificador, fator imbuído de representar a *diferença* como sua própria identidade.

Não é isto, pois, nas entrelinhas, o que a globalização nos sugere? Desse modo, conceber as diferenças quanto à obtenção de acesso ao ciberespaço ou ao meio editorial, por exemplo, se tornam um pouco mais palatáveis. Afinal, muito similar a como a um determinado jovem pode não ser proporcionado o contato junto aos modernos aparatos eletrônicos, ademais, à Internet, seu outro par, #conectado, administrador de rede social em ascensão, pode ser categorizado como alguém não suficientemente bom a fim de que tenha seu conteúdo digital adaptado e transposto a uma publicação impressa. Em ambos os casos, ainda que atinentes a diferentes circunstâncias, o poder regulatório quanto à possibilidade de alcance às novas tecnologias digitais

⁵ Do original em Inglês, tradução nossa: “[...] the environment and culture in which people are raised affects and even determines many of their thought processes [...]” (PRENSKY, 2001b).

ou à carreira literária inflige ao indivíduo em questão uma mesma sentença: a *diferença* em meio à suposta equidade vangloriada por um sistema nacional. A argumentação que nos é apresentada por Hall (2006, p. 39), quando trazida a esse cerne do debate, passa a deter melhor sentido.

Também no âmbito da Literatura Eletrônica somos capacitados a isto averiguar. Em *Wattpad*⁶, plataforma virtual de autopublicação literária, um adolescente com ganas de se tornar escritor pode ou não ter sua obra patrocinada por uma editora, a julgar sua popularidade entre os leitores. A anual promoção do concurso *The Wattys*⁷, em vigência no Brasil desde o ano de 2015, nada mais poderia ser entendida como mecanismo canonizador, uma vez que, se por intermédio de competição, visiona estabelecer que uma produção detenha elementos capazes de colocá-la em patamar distinto em relação à outra, o que se preconiza, sem dúvidas, é a existência de condições que a elege como modelo literário de viés eletrônico digno de imersão; um clássico virtual.

Diante dessa premissa, as prerrogativas do autor José Nicolau Gregorin Filho, explanadas em *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores* (2011), são colocadas em ameaça. Ao dissertar a respeito da geração de jovens que predomina na primeira metade do novo milênio, afirma que o processo globalizatório e sua oferta de acesso à informação por meio das novas tecnologias, oportunizaram igualmente a esses indivíduos a assunção de padrões sociais. Quanto a esse fato, não nos resta quaisquer dúvidas, se tratando ser, a adolescência, a etapa vital na qual se busca identificação ou emparelhamento em relação ao outro (CALLIGARIS, 2000). Todavia, devemos reconhecer que sua afirmação de que os jovens “[...] se confrontam com a sociedade de modo parecido, olhando para o mundo e interagindo com as pessoas quase do mesmo jeito [...]” (GREGORIN FILHO, 2011, p. 16) se constitui um tanto pretensiosa, uma vez que nos conduz a pressupor ser a equação de oferta e demanda do mundo atual algo alheio aos fatores externos, tais como os resquícios culturais e econômicos ainda arraigados nos muros que tornaram inatingíveis outros territórios e outras tantas possibilidades às nações existentes.

É possível ainda refletirmos acerca da globalização relatada por Hall (2006) ao analisá-la com base em distinto e notável prisma. No contexto do presente discorrer, *a priori*, é o processo globalizatório aquele que oferta aos adolescentes a viabilidade de *poder* obter acesso às facetas da

⁶ *Wattpad* corresponde a uma plataforma virtual de autopublicação e redação literária, criada pelos engenheiros computacionais Ivan Yuen e Allen Lau, ambos de origem canadense, em meados do ano de 2006. Inicialmente restrita apenas ao continente norte-americano, *Wattpad* hoje se faz presente em diversos territórios. Pode ser acessada por computadores, *tablets* e *smartphones* – sendo que nestes dois últimos o acesso é viabilizado via aplicativos digitais. Pode ser considerada uma comunidade *online*, na qual, para além da divulgação das narrativas ciberespaciais, é possibilitada aos usuários a interação com seus pares. Para informações adicionais: < <http://www.wattpad.com> > Acesso em 30 de ago. de 2019.

⁷ O concurso *The Wattys*, tido como uma verdadeira celebração à Literatura Eletrônica, objetiva conceder destaque às melhores histórias confeccionadas e compartilhadas na plataforma *Wattpad* a partir do estabelecimento de categorias e critérios à análise dos produtos literários. Para informações adicionais: < <http://www.wattys.wattpad.com/pt/> > Acesso em 30 de ago. de 2019.

atmosfera digital, bem como *poder* atuar como escritores. Isto, pois a hipotética unificação imanente a esse fenômeno global também nos brinda com outra admirável – e duvidosa – gratificação: o poder democrático de enfim *poder*. Contudo, se a própria enunciação popular nos alerta de que desejar algo não significa deter o poder de efetivamente realizá-lo, a globalização, certamente, lhe ratifica. Assim, retornamos ao movimento *continuum* da anterior questão: a *diferença* consiste, desde os primórdios da unificação global, no elemento fundamental capaz de alicerçá-la.

Esta disparidade se refere, ironicamente, a mais um ponto o qual o adolescente de nossa atualidade digital partilha junto aos iguais. Tais identidades partilhadas, segundo Hall (2006, p. 74) nos traz à luz em sua exposição, seriam aquelas responsáveis por estreitar as distâncias espaciais e temporais entre os indivíduos, propiciando-lhes se tornarem consumidores de um mesmo e idêntico produto final. O que logramos sacar é a seguinte fotografia: a vida faz-se mediada pelo mercado global da totalidade, uma vez que as fronteiras inexistem (HALL, 2006, p. 75).

Os jovens compartilham, para além dos anseios de sua fase vital ou dos *posts* de suas redes sociais prediletas, também a diferença entre *poder* ou não ser, ainda que não um nativo digital, ao menos alguém conhecedor das facetas tecnológicas, ademais, um escritor do ciberespaço ou das páginas impressas. A identidade da adolescência atual, desse modo, torna-se tão leve, fluida e instável quanto àquilo que Zygmunt Bauman preteritamente nos descrevera em *Modernidade líquida* (2001) – ainda que este autor se refira a outro âmbito de imersão. Em meio a um real estabelecimento comercial de culturas, tomando de empréstimo a terminologia utilizada por Hall (2006, p. 75), o adolescente moderno é convidado – um convite à obrigação – a eleger, entre incontáveis opções, uma identidade a assumir. Congênera às nações, as quais procuram enaltecer e reforçar posicionamentos que lhes sejam admissíveis, a adolescência dos tempos modernos também busca se afastar de crises identitárias comuns à fase – e talvez ao sistema que a acolhe. Elencar um influenciador digital ou uma *webpage* a seguir é quase tão complexo se comparado a selecionar as disciplinas necessárias ao estudo de um exame ou a escolha da futura carreira profissional. Não nos enganemos. Este movimento, pois, é preciso: constitui fator basilar no processo de desenvolvimento do jovem que projeta seu reflexo no outro (CALLIGARIS, 2000).

Se o adolescente não logra alcançar êxito, se não consegue estar em uma mesma sala de bate-papo ou conceder um *like* a uma mesma postagem que seus amigos, ou ainda, se não se satisfaz com a recepção em relação ao conteúdo digital que publicara na rede, bem como não tem sua história entre as narrativas eletrônicas cogitadas para conquistar uma premiação virtual, não se afirma e, portanto, é privado da construção de seu próprio lugar. Afinal, quanto a esse tópico, Calligaris (2000, p. 47) nos aponta que encoberto pelo desejo típico dos anos 2000, encontra-se latente o propósito fértil de reconhecimento social. No sistema cultural assinalado pela presença

do fio condutor que norteia os rumos dessa contemporaneidade, mas segrega os sujeitos, cremos que o caráter incerto peculiar à probabilidade de se constituir igual é o que fixa a *diferença*.

A adolescência brasileira, destarte, se desintegra em muitas. A antropóloga Gayatri Spivak, frente a *Pode o subalterno falar?* (2010), nos questiona, nas entrelinhas de seu texto, se as vozes de todos e quaisquer indivíduos podem realmente ser ouvidas – e circunstancialmente nos apresenta a outra cruel, mas necessária indagação: esses sujeitos têm a mesma chance de falar? Claramente, sabemos que as teorizações dessa estudiosa não se encontram diretamente vinculadas à temática abordada neste artigo⁸. Entretanto, nos possibilitam conceber nosso fenômeno de modo crítico.

A história da Literatura nacional oportunamente nos demonstra a subalternidade à qual o contingente de adolescentes estivera coagido, não apenas pelo fato dos outros – os adultos – terem assumido suas vozes, ou por vezes, suas atitudes e seus trejeitos. Sobretudo, em virtude de terem tornado estigmatizada a querela relativa à produção literária dedicada a esse público, apresentando, desde sempre, os mesmos pitorescos dramas para os costumeiros personagens aborrescentes. Protegida sob a redoma de entusiasmadas garotas, afoitas por conhecer um ídolo, ou de púberes meninos, cansados dos embates junto aos valentões da escola, uma geração de jovens brasileiros cresceu consumindo livros que mais se assemelhavam a agendas ou a diários, típicas formas de manuscrito dessa fase vital, mas cuja autoria era assinada por aqueles que muito bem poderiam lhes assumir a responsabilidade como pais, haja vista sua condição cronológica.

Como pudemos antes atestar, a *Web* realmente viabilizou aos jovens navegantes e também ao atual mercado editorial, vislumbres outros em relação àquela que poderia se tornar a Literatura Juvenil Brasileira. Reportando, porém, à dúvida que nos é posta pelo discorrer de Spivak (2010), e com base nos fundamentos até então discutidos por Hall (2006), é possível e inevitável afirmarmos que se outrora a dificuldade se impunha ao fato de aos adolescentes não ser consentida a palavra, agora o que se verifica é uma verdadeira batalha empreendida por jovens internautas aspirantes à Literatura a fim de que possam alcançar lugar de destaque nesse meio.

Portanto, é preciso cautela ao nos assegurar não em relação ao fato de que todos aqueles nascidos nesse atual contexto são nativos digitais – pois indeclinavelmente o são, dada a conjuntura tecnológica contemporânea –, mas sobre o fato de que todos desfrutem de idênticas condições de acesso, navegação ou gratificação. Logo, pautar-se na noção de que a adolescência brasileira é, sem exceções, nativa digital / #conectada, implica potencializar as *diferenças* que são as

⁸ Os escritos de Spivak (2010) tangenciam as ocorrências pós-coloniais, mas aqui, na presente produção, transpomos seus contributos teóricos ao contexto contemporâneo globalizado e digital, o qual se configura cenário de nossas perscrutações. Além desse dado, também é importante sobrelevar que a compreensão quanto a um sujeito subalterno a qual selecionamos para este artigo, perpassa pelo entendimento de tal autora no que concerne ao fato de considerar subalterno alguém politicamente desprivilegiado e até então excluído das relações mercadológicas, especialmente enquanto produtor de suas próprias manufaturas – sejam elas quais forem.

responsáveis por sustentar o equivocado discurso de que a Literatura, hoje tão fortemente atrelada às realizações do ambiente virtual, está para todos, bem como à rede preteritamente atribuímos total caráter democrático. Assim, perante a unicidade que a terminologia sugere a essa categoria social – suposta integralidade, acreditamos –, temos de corroborar com Spivak (2010) quando nos diz acerca da importância de repensarmos as estratificações de nossas nações. Aliás, um dos poucos pontos que diferem a Literatura Juvenil de décadas transcorridas àquela atualmente ofertada pelo mercado, é sarcasticamente o fato de que são os jovens, enfim, os autores das agendas e dos diários comercializados aos seus pares⁹. Embora isso possa nos parecer algo dotado de pouca relevância, os jovens sujeitos têm conseguido, em meio à concorrência ciberespacial, falar por si através das histórias que vivem, escrevendo-as e dedicando-as aos pares.

Estes presságios revelam rentável panorama à produção literária brasileira, tanto em relação ao número de livros impressos à disposição, quanto aos lucros obtidos pela estrutura mercadológica vinculada ao meio editorial. A chance que concedemos ao fato de um jovem qualquer na Literatura *poder* falar é, no entanto, ainda negativa. Um jovem que possua um canal de comunicação virtual, entre *blog*, canal do *YouTube* ou perfil em *Wattpad*, não necessariamente estará apto – segundo os critérios das editoras ou dos seguidores – a adentrar no universo literário impresso. Diferentemente da dinâmica ciberespacial, que inicialmente acolhe a todos e a tudo o que estes dispõem no ambiente eletrônico¹⁰, o mercado literário só irá se dar ao trabalho de se apossar das manufaturas escritas ou daquilo que de melhor alguns produtores de conteúdo digital terão a lhe oferecer, caso isso possa lhe render certo reconhecimento e espaço comercial. Sob esse específico prisma de compreensão, a Literatura Juvenil Brasileira, produzida sob os moldes impressos, não está preparada para abarcar *todos* e quaisquer promissores adolescentes, mas *todos* aqueles que corresponderem aos seus preceitos – e isso, desde sempre, assim ocorreu, não sendo capaz de transfigurar esse cenário nem mesmo a Internet. Desse modo, alguns sujeitos continuam subalternos, contudo, em relação aos seus próprios pares. De algo detentor de simples estrutura e performance, emergem mecanismos de apartação que anunciam a disputa editorial.

A assunção de uma identidade encontra-se mais suscetível à ânsia proveniente desse processo do que propriamente à sua consolidação. Os jovens nativos digitais, muitos deles, talvez nem reflitam acerca das consequências da corrida que empreendem rumo em busca de uma identidade para finalmente registrá-la como sua. Desconstruir a identidade da adolescência

⁹ Há expressiva quantidade de obras literárias impressas, da autoria de jovens produtores de conteúdo digital – entre blogueiros e *youtubers* –, categorizadas como relatos autobiográficos. Essa informação é oriunda de mapeamento de dados realizado como parte integrante da dissertação de Mestrado intitulada *O livro nos tempos de #likes: transfigurações na literatura brasileira contemporânea* (2018), defendida no Programa de Mestrado em Letras (Literatura Brasileira) do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

¹⁰ Não deixando de considerar as problemáticas de acesso ou a deliberada desconexão em relação a essa atmosfera.

brasileira é considerar e paralelamente a isto desfazer-se (d)a fragmentação do sujeito conivente à era contemporânea, perpassado por ela e acolhido por uma globalização que a unifica em toda a sua segmentada existência. A adolescência do Brasil contemporâneo tem exigido legitimidade por intermédio de suas ações concretizadas ora no ambiente eletrônico, ora nas páginas impressas dos livros físicos. Como, no entanto, consolidar-se, se corrobora com a fragmentação social que o próprio desenvolvimento global – e digital – a impõe? O representante da cultura adolescente, por essa justa razão, enfrenta, para além da *diferença*, um paradoxo. Esse é o famigerado espaço de tensão entre local e global, mencionado por Hall (2006, p. 77) em sua obra, o qual a globalização nos propicia. Sendo assim, é necessário definir, primordialmente, alguns *links* de acesso: quem o jovem sujeito brasileiro deseja ser, local ou global? Ainda que não haja modo de elencar este ou aquele estado social de ser e estar, haveria, então, um entre-lugar capaz de acolhê-lo?

Assim, a instauração da invisibilidade sobre considerável número de adolescentes não nos soa como prenúncio apocalíptico, pois essa circunstância é real defronte ao entendimento de Hall (2006, p. 75) de que as identidades, nessa atualidade, flutuam livremente – mas cremos que, para além deste atributo, também desorientadas. Daí a invisibilidade poderia talvez servir como uma viabilidade identitária. Entretanto, tamanho é o alcance das mídias e do mercado que nem ao menos os simpatizantes dessa faceta estão livres para se abster quanto à escolha de uma posição a tomar. Alguns, não raramente, são impelidos a se tornar escritores e *web*celebridades, enquanto outros, leitores e extasiados seguidores de seus feitos. Há ainda os famosos *#conectados*, distintos àqueles que não querem, não podem ou querem e mesmo assim não o podem ser.

Os preceitos anunciados por Michael Foucault em *Microfísica do poder* (1989), figuram-se contundentes até mesmo à dinâmica adotada pelo atual mercado editorial nacional. Afinal, ainda que suas trajetórias nos conduzam a cogitar que tenham conseguido se esquivar dos rigorosos critérios adotados ao lançamento de livros impressos, os internautas-escritores, oriundos de distintas redes sociais e *webpages*, encontram-se relegados à outra relevante esfera de poder, estando sujeitos, agora, também e especialmente, ao aval do público admirador e seguidor, responsável por ditar a qualidade não apenas dos conteúdos compartilhados em rede, mas sua popularidade e, por conseguinte, a rentabilidade dos artefatos literários para as editoras que os lançam e os patrocinam. É interessante refletirmos também acerca de outro movimento o qual circunda esses jovens autores, outrora apenas usuários da Internet: o mesmo público que os capacita lograr a assinatura de contratos literários, é aquele que avalia, aprova e pode o impedir de constituir carreira. Aos leitores é recompensada sua fixa condição perante aos pares escritores, e o poder, até então concedido apenas a estes últimos, transfigura-se sob o domínio de outros.

Próximo ao término dessa breve exposição, reconhecemos nossa equivocidade em relação à indagação a qual apresentamos logo ao início da presente discussão. Se vivemos em contexto contemporâneo, demarcado pelo deslocamento cultural – e digital – das identidades e dos modos de ser e estar no que concerne ao literário, novamente nos questionamos: *quais são as faces* da Literatura Juvenil Brasileira? Seguramente, para além de uma única face, muitos são os rostos que essa manifestação artística pode hoje vir a assumir, sobretudo mediante a era das tecnologias: desde à Literatura produzida por adultos aspirantes à cultura adolescente, àquela encabeçada por jovens navegantes, blogueiros, *youtubers* e usuários das plataformas de redação virtual.

O próprio adolescente tem contribuído ao deslocamento identitário da Literatura manufaturada em território nacional. Paula Pimenta e Maurício de Souza, consagrados autores, em uma tentativa de sobreviver às transfigurações literárias e mercadológicas, unem-se a famosos adolescentes administradores de *blogs* e canais do *YouTube*, detentores de milhares de inscritos em suas redes sociais¹¹. Afinal, o jovem público para quem esses escritores outrora idealizaram suas obras, hoje é outro. Atores, músicos e artistas advindos de tantas diferentes searas também decidiram seguir – virtualmente ou não – os passos dos produtores de conteúdo digital. Assim como estas *webcelebridades*, aqueles vislumbraram, na Literatura, outro meio de promoção.

Em contraposição, os prenúncios compartilhados por Walter Moser, no artigo *Spätzeit* (1999), aparentam se materializar nessa temporalidade. Sua ocorrência em curso, conforme nos salienta, acolhe peculiares condições de produção artística. Dentre tantas e diversas, a saturação cultural corresponde àquela que nos alerta a atenção. Logo, sob essa perspectiva de recepção, o presente momento histórico efetiva-se local de escombros e despejos referentes às manufaturas do passado. Os antecessores das novas gerações de jovens legam a estes descendentes um espaço cultural de fragmentos e histórias que obtiveram êxitos ou colecionaram fracassos. De qual modo proceder diante desse montante, decerto, configura-se, ainda, a inquietação que insiste assolar os artistas contemporâneos, especialmente os adolescentes, haja vista seu ativo protagonismo. Moser (1999, p. 39) nos informa a respeito de duas distintas e possíveis reações frente ao horizonte artístico e cultural inerente àquilo que denomina em seu texto como pós-modernidade tardia¹². Entre as viabilidades positivas e negativas, as quais incluem, de modo respectivo, algo como persistência e estagnação, elencamos a primeira delas a fim de nos referirmos à atitude tomada por jovens autores responsáveis pela disseminação de narrativas impressas ou ciberespaciais.

¹¹ Paula Pimenta, em parceria com as blogueiras Babi Dewet e Bruna Vieira, juntamente ainda à Thalita Rebouças, também autora de livros juvenis, lançou a obra *Um ano inesquecível* (Gutenberg, 2013). Maurício de Souza, por seu turno, é responsável pelo título *Uma viagem inesperada* (Nemo, 2017), no qual empresta suas personagens, criadas para a Turma da Mônica Jovem, a algumas famosas *youtubers*, tais como Melina Souza e Pâmela Gonçalves.

¹² Conceito cuja definição, para o pesquisador, transcende quaisquer viabilidades de elucidação, especialmente por que se figura, no campo da produção artística, algo ainda em curso, e o qual, por essa razão, nos impacta.

Ao contrário do que as anteriores assertivas possam vir a nos fomentar refletir, é o depósito de olhares assombrados e pessimistas a este campo de saturação cultural, o qual nos apresenta, fidedignamente, ao apocalíptico artista do tempo corrente – “[...] a atitude negativa percebe menos a plenitude que o excesso [...]” (MOSER, 1999, p. 39). O sujeito adolescente dessa contemporaneidade, enquanto autor de suas próprias histórias, seja nos *layouts* dos *blogs* ou de *Wattpad*, seja nas páginas de celulose das obras impressas, é aquele que percebe a inesgotável fonte de artifícios que a globalização tardia e oportunamente segregadora lhes oferta. Reiteramos, porém, argumento de nossa própria autoria, já antes mencionado nesse artigo: a possibilidade lhes é conferida. Entretanto, se a alcançam de modo eficaz, esta é uma problemática outra.

Internautas-escritores – ou não necessariamente internautas, apenas escritores – aproveitam-se daquilo que Moser (1999, p. 40) descreveu como “[...] mesa cultural já posta e onde reina a abundância [...]”. Porém, não aceitam simplesmente trabalhar com materiais os quais se encontram em circulação. O que acontece, acima de tudo no específico domínio relativo à manifestação literária juvenil, é o processo de (res)significação artística em relação ao legado deixado por autores que se aventuraram no universo adolescente. A dinâmica de publicação das obras literárias impressas cujos conteúdos originaram-se do meio virtual, se constitui, ela própria, um exemplo de como o jovem, outrora apenas personagem protagonista das histórias as quais lhes impunha um designado destino, agora assume, também, o posto de autor protagonista dos enredos ou confissões que não lhes incute um único caminho a seguir, mas em vias contrárias, apresenta-lhes a outras viabilidades – supostamente de leituras sobre si, pois a alguns se encontra reservado um certo e único porvir: somente a assunção de papéis de natureza coadjuvante.

Mencionar a secundariedade, tal como nos alude Moser (1999, p. 42), fator que assinala a produção artística da qual discorre, corresponde a considerar também o que Silviano Santiago, em *O entre-lugar do discurso latino-americano* (2000), dissera-nos a respeito do caráter antropofágico de nossa Literatura, protegida sob o teto de um entre-lugar constituído por ambivalências peculiares ao espaço cultural de origem estrangeira e às manifestações artísticas ímpares à nação brasileira. Isto, pois ainda que Santiago (2000, p. 25) nos proponha pensar a arte latino-americana como resultante de processo por intermédio do qual seu autor e mentor “[...] aceita a prisão como forma de comportamento, a transgressão como forma de expressão [...]”, nos é inevitável que a demanda quanto aos debates sobre o alastramento das reproduções seja trazida à luz.

O mesmo entre-lugar no qual Santiago (2000) sugere estar alocada a produção artística e literária de origem nacional, é aquele que, de acordo com nossa leitura acerca das teorizações de Moser (1999, p. 42), pressupõe secundariedade da arte manufaturada nessa contemporaneidade. Todavia, é possível demonstrarmos como nem ao menos a arte nacionalmente fagocitada,

disseminada em outras localidades para além de nosso território, se configura, ela, estatuto primeiro e detentor de exclusividade, pois, afinal, os referidos materiais “[...] são, em realidade, por sua vez, já produtos de uma secundariedade [...]” (MOSER, 1999, p. 42). Submetidos, então, a esse *continuum*, os autores brasileiros da atualidade digital transpõem seus conteúdos virtuais aos livros de natureza impressa, e arriscam-se como escritores, assim como preteritamente o *digital influencer* sueco PewDiePie¹³ já havia se prestado a essa iniciativa, embora antes de seu feito literário, Zoe Sugg¹⁴, blogueira e *youtuber* britânica, o houvesse estreado. Este quadro é a mais perfeita ilustração a respeito das controvérsias contemporâneas, muito distante das ilusões que um projeto redentorista talvez lhe pudesse promover. Sabemos, afinal, quem são os percussores, porém, pouco ou nada temos a pronunciar sobre quem foram os primeiros. A entidade autoral, desse modo, é concebida sob um particular viés: não se trata das obras de Kéfera Buchmann¹⁵ ou Camila Moreira¹⁶, mas a Literatura de *youtuber* ou *wattpader*. As partes passam a ser designadas pelo todo, e essa totalidade, não por acaso, se desintegra na inconstância que detém a nação brasileira fragmentada, ainda em busca, na presente era, de sua(s) identidade(s) e seu(s) entre-lugar(es).

Mas o adolescente brasileiro, navegante da rede, muito bem se apropriou dessa nova forma de fazer Literatura. Uniu o útil – aqui os créditos são repassados às instituições de ensino – ao agradável – louvemos o deleite proporcionado pelo navegar. Assim, ao passo que a este tipo de produção literária a originalidade se faz precária, o caráter autêntico¹⁷ o qual lhe circunscreve responsabiliza-se por possibilitar à adolescência a idealização de cânones para chamá-los de seu, tão *#conectados* às tendências editoriais – e virtuais – quanto seus autores, leitores e críticos – adeptos ou não à novidade. O investimento literário na materialidade do conteúdo digital logo vem a se figurar tendência que demarca os passos do mercado editorial na atmosfera tecnológica.

A lógica cultural do capitalismo tardio (2000), da autoria de Frederic Jameson, nos apresenta à arte pós-moderna como possuidora de “[...] impulsos de todo tipo [...]” (JAMESON, 2000, p. 57), um fator constituinte do espectro da atualidade em voga. Apesar daquilo que os mais cétricos possam nos dizer, é caro sobrelevar o fato de que esses mesmos impulsos, nessa era digital, podemos considerá-los como responsáveis por criar a ruptura quanto às previsões tangentes ao extermínio da manufatura literária. Foi apenas a partir da transgressão às convenções acadêmicas e críticas que a nossa Literatura nacional, produzida em tempos contemporâneos, conquistou

¹³ Autor da obra *Este livro te ama* (LeYa, 2015), originalmente publicada em 2013.

¹⁴ Autora da obra *Garota online* (Verus, 2015), originalmente publicada em 2015.

¹⁵ Mencionamos seu título de maior repercussão, *Muito mais que cinco minutos* (Paralela, 2014).

¹⁶ Seu livro, oriundo de *Wattpad*, é intitulado *O amor não tem regras* (Suma de Letras, 2014).

¹⁷ Salvas as exceções quanto às interferências editoriais.

posto de destaque, também, nos debates das redes sociais¹⁸, nas rodas de conversa dos intervalos escolares e nas livrarias físicas – sob a ameaça de extinção¹⁹ –, tão repletas de jovens escritores, leitores, nativos digitais ou apenas ávidos admiradores dos deslumbres do panorama que se ergue.

A identidade da Literatura Juvenil Brasileira, voltada ao seu cativo jovem público é, portanto, constituída sob os encaixos da fusão entre diferentes tradições culturais, resultando-se híbrida. Mas a Literatura estaria em crise, tal como as nações preteritamente aparentaram estar ou constantemente se encontram os adolescentes? Entre os olhares conservadores dos adultos e as entusiasmadas formas de dialogar da adolescência, a manifestação literária dessa temporalidade digital faz-se para escritores, leitores, espectadores e internautas – em menção à Canclini (2008) –, em consonância ao perfil daqueles que a consomem: múltiplos, conectados ou não, entusiastas contemporâneos ou nem tanto, tementes apocalípticos e esperançosos integrados; porém, todos, sem exceção, abarcados e perpassados por uma globalização que – ainda – impõe muralhas.

Considerações finais

As tessituras que nos viabiliza manufaturar as interfaces dialógicas entre Literatura Juvenil e Internet resultam naquilo que nosso discorrer se propôs a promover: um breve debate circunstancial aos anseios os quais não devemos deixar encobrir os empreendimentos juvenis perante as possibilidades de fazer e publicar Literatura em tempos contemporâneos e digitais, mesmo que a tendência inerente ao atual mercado editorial apresente suas próprias objeções.

Ainda que tenhamos nos divergido de Gregorin Filho (2011) no que concerne ao impacto que o mundo globalizado apresenta sobre nossos adolescentes, estaríamos cometendo extremo equívoco ao deixarmos de coadunar às previsões expostas em sua obra teórica, as quais hoje, podemos afirmar, enfim se solidificaram. Segundo esse estudioso, a Literatura voltada aos jovens, com o passar de alguns anos, tornar-se-ia mais próxima à realidade cotidiana, mantendo um constante diálogo junto às novas tecnologias digitais e alcançando, por fim, a crucial intersecção que muito nos é cara no artigo que propomos apresentar, “[...] visto que o mercado descobriu nesse gênero um lucrativo nicho [...]” (GREGORIN FILHO, 2011, p. 47)²⁰ – definitivamente, o

¹⁸ Para além dos *websites* especializados, há também os inúmeros *blogs* e canais do *YouTube* dedicados a esse tema, sendo que seus administradores são denominados *bookbloggers* e *booktubers*, respectivamente. São responsáveis não apenas por tornar conhecidos os últimos lançamentos editoriais, o que acontece devido às várias parcerias firmadas, mas por promover *tags*, projetos de leitura compartilhada e críticas dedicadas ao público alvo de suas redes sociais.

¹⁹ Para informações adicionais: < <https://canaltech.com.br/e-commerce/livrarias-do-seculo-xxi-as-transformacoes-do-mercado-editorial-brasileiro-126859> > Acesso em 30 de ago. de 2019.

²⁰ Conforme os dados obtidos a partir da realização da pesquisa *Produção e vendas do setor editorial brasileiro* (FIPE, 2018), as publicações voltadas às crianças e aos adolescentes representam importante e significativa fatia do mercado

mesmo mercado que integra o estabelecimento comercial de culturas, dito por Hall (2006, p. 75), e vende aos jovens a identidade a qual majoritariamente não são capazes de sustentar devido ao fatídico fato de que a *diferença* que no globo mundializado existe e resiste decorre da possibilidade que alguns detêm em detrimento de muitos, o que se sobressai como engrenagem mercadológica.

Cabe-nos, também, uma última ressalva. Talvez o que Gregorin Filho (2011) não pudesse pressupor fosse o fato de que essas tais novas tecnologias e os artifícios que nos provém, hoje se constituiriam mais do que simples mola propulsora ao mercado literário brasileiro. Na realidade, estamos diante do predisposto esboço de um cenário cada vez mais repleto de minúcias, no qual a faceta interativa e o conglomerado produtivo da grande rede são a matéria-prima da Literatura.

Entre aborrescências, crises e *#likes*, eis a Literatura Juvenil Brasileira, cujo espaço nas vitrines das livrarias físicas ou *online*, tem sido, a cada dia, relevantemente conquistado. Decerto, tal como ocorrera com o alcance da Internet, semelhante à popularização dos novos meios de conceber a manifestação literária ou aos olhares descortinados voltados à adolescência brasileira. Em relação a tudo, temos de convir: antes tarde – impressa e / ou digital – do que nunca.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANCLINI, Néstor García. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CELESTE, Jennifer da Silva Gramiani. *O livro nos tempos de #likes: transfigurações na literatura brasileira contemporânea*. 238 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: < <https://www.cesjf.br/mestrado-em-letras-dissertacoes-2/2018/771--344.html> > Acesso em 30 de ago. de 2019.

FIPE. *Produção e vendas do setor editorial brasileiro*. 2018. Disponível em: < <http://pesquisaeditoras.fipe.org.br> > Acesso em 10 de mar. de 2019.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura juvenil*.

editorial nacional, embora sua participação ainda seja pequena – 2,46% – se comparada à produção e à venda de materiais didáticos – 48% –, ou ainda, de livros religiosos – 20%.

adolescência, cultura e formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*.
Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAMESON, Frederic. A lógica cultural do capitalismo tardio.
In: _____. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2000.

MOSER, Walter. Spätzeit. *In: MIRANDA, Wander Melo*. *Narrativas da modernidade*.
Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants.
On The Horizon, oct., 2001a, v. 9, n. 5, p. 1 - 6.

_____. Digital natives, digital immigrants, *part II*: do they really *think* different?.
On The Horizon, dec., 2001b, v. 9, n. 6, p. 1 - 9.

RODRIGUES, Maria Fernanda; SOBOTA, Guilherme.
A vida literária segue apesar da crise nas livrarias. 2018. Disponível em:
< <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,retrospectiva-2018-literatura-a-vida-literaria-segue-apesar-da-crise-nas-livrarias,70002661235> > Acesso em 30 de ago. de 2019.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano.
In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*.
Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

Recebido em: 30/8/2019

Aprovado em: 21/10/2019